

ALÉM DO CORPO E DAS PALAVRAS: POR UMA ERÓTICA DO ENVELHECIMENTO

Hermano de França Rodrigues, Angeli Raquel Raposo Lucena de Farias

Universidade Federal da Paraíba – hermanorg@gmail.com

Resumo: Envelhecer, assim como o nascimento, nos confronta com o desconhecido, com o inominável, com a morte. Aprendemos, desde cedo, a ignorá-la e, para tanto, somos introduzidos numa rede discursiva, alimentada por ideais mercadológicos, que comercializa a ilusão de uma juventude eterna, de um corpo imune ao tempo, de uma beleza que se aprisiona, de uma felicidade calcada na aparência. Nessa esteira de engodos, deixamo-nos levar pelas promessas de uma vida sem dor, sem sofrimento, como se a existência, desprovida do viço físico, não mais reclamasse o sentido. E assim, enredados em equívocos, com a visão embotada pelo medo, enxergamos o processo de *senescência* como infortúnio e estagnação. Suas marcas nos inquietam e nos atormentam, pois não conseguimos mobilizar o significante capaz de nomeá-las e, opor conseguinte, o *real* se inscreve na pele, subjugando o simbólico. O que seria da ordem da linguagem, converte-se, então, em angústias primitivas de perseguição. A imagem soturna de um ser encapuzado, segurando uma foice, representa bem o temor que nutrimos e projetamos ante a certeza da finitude. Nossa pesquisa, numa interface entre a psicanálise e o cinema, busca examinar, no texto fílmico *O Amor nos tempos do cólera*”, adaptação do romance homônimo do escritor colombiano Gabriel Garcia Marques, as vicissitudes do amor em relação ao tempo, à velhice. Como arcabouço teórico, recorreremos aos estudos (pós) freudianos, em especial os desenvolvidos pelo psicanalista Jacques Alan Miller.

Palavras-chave: Cinema – Dor – Amor – Envelhecimento.

INTRODUÇÃO

O amor ergue impérios e, com a mesma intensidade, aniquila gerações. Narrado desde a bíblia, ele adquire várias formas e diferentes contextos. Ama-se na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Na pobreza e na riqueza. Ama-se pela internet, ama-se rapidamente, ama-se pelo sexo e na falta dele. Ama-se pela ausência do outro, ou como coloca Lacan, do Outro.

Ama-se sem medidas, um louco amor, ou melhor dizendo, um *pathos* amor. Amor patológico, amor que coloca o sujeito em pausa, em espera, e instancia em que se goza não apenas com o amor, mas com a ausência dele e com a espera de ele chegar ou retornar. Amor masoquista, amor em forma de dor, amor em *pathos*.

Dentre as diversas ciências que buscam compreender o amor, a psicanálise também envereda pelos territórios enigmáticos das paixões. Para o pai da psicanálise, Sigmund Freud, o amor fala de ausência, o amor é um sintoma do que um dia se perdeu na castração edipiana, que desejamos reencontrar. Instaurando o desejo, falamos da instauração da sexualidade, fala-se do ser enquanto linguagem, como supõe Lacan, capaz de simbolizar, desejar, e dar o que não se tem. É pelo reencontro com o faltante, outrora perdido, que se vai em busca do amor.

A literatura, campo de estudo também de Freud, dita muito sobre o amor. Amor platônico, amor romântico, amor melancólico, amor sofrido, amor em espera, o amor ditado por Gabriel García Márquez em *Amor em tempos do cólera*, livro escrito no ano de 1985 e adaptado para o cinema no ano de 2002 pelo diretor Mike Newell.

O amor de Florentino colocou em pausa, paralisia de amar eternamente sua Fermina. Esse amor coloca um sujeito que goza com a ausência da amada que goza com a espera dela. *Pathos* enquanto significado, vai Além de sofrimento, deriva-se, as palavras "paixão" e "passividade". Passividade, paixão, amor e *pathos* são marcas indelévels na constituição da história que Florentino cria com sua Fermina. Nesse contexto imbicaremos o estudo desse *pathos* amor de Firmino pela lente da psicanálise citando além de Freud, a teoria de Lacan como psicanalista que dita teoria a frente de seu tempo, demarcando seu espaço no campo analítico. Como também, citaremos psicanalistas que recorrem ao assunto amparando-nos nesse estudo.

Através de Firmino e da psicanálise percebemos que é possível falar de amor e dor, amor e sofrimento, amor e *pathos*. Como também do amor que supera o tempo, tempos coléricos, tempos que distanciam, e atualmente, tempo que tudo é necessário e rápido, até o amor.

PSICANÁLISE E AMOR: CONTEMPLAÇÃO E SOFRIMENTO

Em sua teoria metapsicológica, Sigmund Freud coloca o amor de diversas formas, de acordo com o momento em que estava sua construção teórica. Como ponto fundador do amor na sua teoria tem-se a transferência entre analisando e analista. O caso mais famoso, a paciente Anna O. coloca essa teoria a prova quando, após ser liberada da terapia hipnótica realizada por Breuer, esta demonstra fantasias de amor e sexuais com o mesmo. Freud assume a análise então, e consegue refletir sobre essa instância de amor entre paciente e analista, definindo isso como amor transferencial, ponto fulcral para uma boa análise.

Brito e Besset (2008) falam que o amor na clínica psicanalítica, chamado de transferência, é o processo primordial para que a análise possa ocorrer. Esse amor unifica o laço entre os dois, que por meio da potencia desse amor, se torna possível explorar o inconsciente do analisando.

Assim, Freud dita sobre o amor, segundo Paz (2009) a partir de suas pacientes histéricas, em que o fundador da psicanálise vê amor como sinônimo de sexualidade. Dos estudos com suas pacientes histéricas, ele entende o lugar do amor na neurose histérica, observando que um ponto em comum nos discursos delas estava à busca pelo amor, que na infância era despendido a elas demasiadamente pelos seus pais, sendo traço insaciável nelas, a busca por esse amor infindável.

Para o mestre vienense, o amor é o que faz suplência ao encontro sempre faltoso do sujeito com a sexualidade. Ao instaurar-se o Édipo e a devida castração edípica, o sujeito passa a ser faltante, e esmera-se na busca por essa falta. Lacan coloca a entrada do Em Nome do Pai na instancia do simbólico, assim o sujeito após irrupção do em nome do Pai, permeia-se na busca desejoso do Outro.

Assim, para esses dois psicanalistas à frente de seu tempo, citam o amor, conforme traz Winter (2012, p. 02)

Tanto em Freud quanto em Lacan o amor é o que faz suplência ao encontro sempre faltoso do sujeito com a sexualidade. A falta de harmonia fundamental entre sujeito e objeto indicada por Freud em *Mal Estar na Civilização* coloca o amor e a linguagem na condição de suplência frente ao real da falta. O desejo resultante da perda do objeto primordial, nas primeiras experiências infantis de satisfação, circula na cadeia de significantes através da demanda que se dirige ao Outro, como o lugar dos significantes, lugar do código, de onde o sujeito recebe o sentido, a significação de seu sintoma, ou seja, “sua própria mensagem de forma invertida”. O objeto encontrado na repetição é o objeto a, como falta do objeto perdido desde sempre. Os objetos substitutivos em cadeia metonímica tentam em vão apreendê-lo, o objeto primordial, como objetos da demanda que velam e desvelam o objeto faltante (WINTER, 2012, p. 02)

Leite (2005, p. 130) pontua que Freud “observará que o amor tende a funcionar como modelo de busca da felicidade e reconheceu sua natureza ilusória no sentido de consolar e tornar tolerável o mal-estar próprio do desejo humano”.

No estudo da sexualidade como via de mobilização do sujeito a vida e a busca libidínica da satisfação do seu desejo diante do objeto um dia perdido, Freud diz que “muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar” (FREUD, 1907/1996, p. 125), nos apontando para a questão de que o fenômeno amoroso não é restrito a vida adulta, mas sim, uma incumbência criada na constituição da sexualidade já na vida infantil.

Além do amor enquanto transferência, que se pode ser entendido que em toda relação onde se coloca dois em confiança mútua, é necessário a transferência, assim, existe amor, o mestre de Viena ainda abraça o tema do amor em diversos textos.

Lacan também traz o amor como transferência. Para ele transferência é amor. “O amor de transferência — ou, ousaríamos dizer apenas, o amor — ensina àquele que ama que há uma falta inscrita em seu desejo” (BRANCO, 2014, p. 87).

Para Lacan, o amor fala de falta do objeto a, objeto tanto desejado. Para ele, amar é mais do que “querer”, o amante é aquele que oferece ao amado sua própria falta, acreditando ser o amado o detentor desse objeto faltante, nomeado objeto a. O amante crendo que o amado pode oferecer algum saber sobre si (como num estado de transferência), o amante se oferece em amor, pois é com essa falta que ele ama (LACAN, 2005).

Em suma, temos o que Leite (2005) nos coloca:

Freud situa a busca amorosa (ou escolha de objeto) em uma perspectiva distinta, mas não independente da sexualidade, uma vez que apoiada nos laços com os primeiros objetos. Tomando o conceito de objeto pulsional em sua radicalidade, Lacan define-o como faltoso. Ou seja, a falta de objeto seria uma condição primordial, marca da entrada do sujeito no mundo simbólico, da linguagem. O amor seria, então, uma tentativa de fazer desaparecer a falta original do desejo. A situação paradoxal do amor, no entanto, também é reconhecida por Freud e por Lacan: se o encontro amoroso proporciona, por um lado, um certo apaziguamento ao alimentar a ilusão da completude perdida, por outro lado, implica sempre um efeito de logro, pois basta amar para que o sujeito se reencontre com essa hiância estrutural, como diz Lacan, na medida em que o que falta ao sujeito (amante), o objeto (amado) também não tem.

A DOR ENCENA A AUSÊNCIA

A narrativa sobre o amor já vem sendo estudado tempos anteriores a criação da psicanálise. Os filósofos já perguntavam sobre a origem do amor, os literários contavam histórias sobre o amor, e os poetas enalteciam versos sobre os sonhos, saudades, tristezas dos amantes. Na literatura ocidental o discurso do amor, a partir do século XII, versa sobre dor, sofrimento e promessa de felicidade (FERREIRA, 2004).

No livro do literário Gabriel García Márquez, intitulado *O amor nos tempos do cólera*, publicado em 1985, ganhou adaptação para o filme no ano de 2007, dirigido por Mike Newell, com mesmo título, vemos o protagonista, o jovem Florentino Ariza, colocando sua felicidade no amor pela jovem Fermina Daza, felicidade esta que deve ser alcançada por estar amando.

O romance acontece na cidade de Cartagena, Colômbia, no final do século XIX e conta a história do amor avassalador do jovem Florentino por Fermina Daza durante a juventude quando se conheceram e comunicavam-se por cartas. No início o amor dos dois é sentido mutuamente, porém ao descobrir esse enlace, o pai da jovem a promete para o jovem médico, Juvenal Urbino. Com o passar do tempo, Florentina passa a amar seu marido, chegando a desconhecer Florentino. Porém este se prostra a esperar pela bela jovem, mesmo envolvendo-se (sexualmente) com dezenas de mulheres (ressalta-se que Florentino fazia conta de todos seus enlaces sexuais, mas esperava amar apenas sua eterna Fermina). Essa espera dura cinquenta e dois anos, quando, finalmente, o protagonista detém o amor de sua amada.



No contexto desvelado, vemos a relação de Florentino com Fermina, numa busca incessante pelo *objeto a*. Florentino ficou como objeto desse Outro, desse que nem se quer lembrava-se dele, ou melhor, tentava repudiá-lo.

Florentino deposita na moça toda sua libido, desejo, fantasia, e ausência. Prostra-se a espera da mesma. Nesse sentido podemos inferir uma posição masoquista na relação.

Piza e Alberti (2013) fala sobre situação masoquista colocada por Freud, dizendo que o pai da psicanálise descreveu o masoquismo como:

o posicionamento passivo do sujeito no campo da sexualidade [...] a designação 'masoquismo' abarca todas as atitudes passivas para com a vida e o objeto sexuais, em 1915 Freud acrescenta outra variável: o masoquismo apenas se configura quando o sujeito não somente se posiciona em lugar de objeto, mas ocupa esse lugar em relação a outra pessoa, que assume, então, o lugar ativo atribuído pelo sujeito (PIZA E ALBERTI, 2013, p. 06).

Florentino coloca-se em situação de passividade diante do exposto, diante dos eventos que ocorrem em sua vida. Seu esforço libidinal é colocado diante da relação com esse Outro do qual ele deseja. O lugar desse objeto desejante, a ideia de que esse amante poderá nutri-lo, como Lacan coloca em sua teoria, faz com que Florentino coloque-se nessa situação de instancia masoquista, numa postura e configuração de passividade e eterna espera do Outro. A convicção de que Fermina está bem casada com o Juvenal é insuportável para Florentino, porém o mesmo sempre recusa a ideia, num estado de negação, mas, também, num estado de gozo pleno diante de sua espera de cinquenta e dois anos. Ele se coloca nessa posição. É aqui onde ocorre o amor *pathos* do protagonista. Amor que mortifica, paralisa, cria passividade, enlouquece, psicotiza.



Florentino está, libidinalmente, ligado a este Outro desejante. É nessa relação com o Outro de espera que a satisfação masoquista está relacionada. Ferreira cita que “ama-se para desejar ou para gozar com o sofrimento”. Justamente por isso, os estudos psicanalíticos se referem ao masoquismo moral do amor-paixão, tão em voga nas literatura romântica.

REFERÊNCIAS

BRITO, Bruna Pinto Martins; BESSET, Vera Lopes. Amor e saber na experiência analítica. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 681-703, set. 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em 28 ago. 2016.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FREUD, SIGMUND. (1907). **O esclarecimento sexual das crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1910b). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** (contribuições para psicologia do amor I). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10 – A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEITE, Julia Cristina Tosto. Dimensões do amor. **Ágora** (Rio de Janeiro) v. VIII n. 1 jan/jun 2005 123-133.

PIZA, Luciana; ALBERTI, Sônia. **O masoquismo erógeno como posição subjetiva original e suas implicações na vida sexual infantil**. Revista Affectio Societatis, Vol. 10, Nº 18, junho de 2013. Art. 2.

WINTER, Célia Ferreira Carta. O amor: esse encontro faltoso. Psicopatologia Fundamental, 2014. Disponível em: < <http://www.psicopatologiafundamental> >. Acesso em 14 de agosto de 2016.